

PROTAGONISMO FEMININO NO EXTRATIVISMO AMAZÔNICO E SUSTENTABILIDADE: O CASO DA COMUNIDADE DE SÃO JOSÉ DO RIO MANIVA (PA)

FEMALE PROTAGONISM IN AMAZONIAN EXTRACTIVISM AND SUSTAINABILITY: THE CASE OF THE SÃO JOSÉ DO RIO MANIVA COMMUNITY (PA, BRAZIL)

PROTAGONISMO FEMENINO EN EL EXTRACTIVISMO AMAZÓNICO Y SOSTENIBILIDAD: EL CASO DE LA COMUNIDAD DE SÃO JOSÉ DO RIO MANIVA (PA, BRASIL)


Lillian Eduarda da Silva e Silva

 <https://orcid.org/0009-0004-2923-7930>

Universidade Federal do Pará – UFPA

e-mail: lillianbastos77@gmail.com

Dra. Marinalva Cardoso Maciel

 <https://orcid.org/0000-0002-8670-8215>

Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAD) da

Universidade Federal do Pará - UFPA

e-mail: marialvamaciell@gmail.com

Dra. Gisele do Socorro S. Pompeu

 <https://orcid.org/0000-0003-2453-6945>

Universidade Federal do Pará – UFPA

e-mail: giselepompeu@ufpa.br

Submissão em: 05/12/2025

Aceito em: 07/01/2026

RESUMO

Este artigo analisa a atuação de mulheres extrativistas no manejo de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) na Comunidade de São José do Rio Maniva, Afuá (PA), considerando as dimensões social, econômica, ambiental e cultural da sustentabilidade. Trata-se de estudo quantitativo, exploratório-descritivo, com aplicação de questionários a 13 mulheres associadas à organização comunitária local. A análise por estatística descritiva indicou fortalecimento do protagonismo feminino e da autonomia social, embora a renda permaneça complementar, limitada pelo acesso restrito a crédito e apoio técnico. As práticas de manejo foram consideradas ambientalmente sustentáveis e, no âmbito cultural, destacou-se a transmissão intergeracional de saberes como elemento de preservação da identidade territorial.

Palavras-chave: Mulheres Extrativistas, PFNMs, Sustentabilidade, Amazônia, Protagonismo Feminino

ABSTRACT

This article analyzes the performance of extractivist women in the management of non-timber forest products (NTFPs) in the community of São José do Rio Maniva, Afuá, Pará, considering the social, economic, environmental, and cultural dimensions of sustainability. This is a quantitative, exploratory-descriptive study based on questionnaires applied to 13 women affiliated with a local community association. Descriptive statistical analysis showed increased female protagonism and social autonomy, although income remains complementary due to limited access to credit and technical support. Environmental management practices were considered

sustainable, and culturally, the intergenerational transmission of traditional knowledge reinforces territorial identity.

Keywords: Extractivist Women, NTFPs, Sustainability, Amazon, Female Protagonism

RESUMEN

Este artículo analiza la actuación de mujeres extractivistas en el manejo de productos forestales no maderables (PFNM) en la comunidad de São José do Rio Maniva, Afuá (Pará), considerando las dimensiones social, económica, ambiental y cultural de la sostenibilidad. Se trata de un estudio cuantitativo exploratorio-descriptivo, realizado mediante cuestionarios aplicados a 13 mujeres vinculadas a una asociación comunitaria local. El análisis estadístico indicó fortalecimiento del protagonismo femenino, aunque la renta sigue siendo complementaria, limitada por el acceso restringido al crédito y al apoyo técnico. En la dimensión cultural destaca la transmisión intergeneracional de saberes tradicionales y la valorización de la identidad territorial.

Palabras clave: Mujeres Extractivistas, PFNM, Sostenibilidad, Amazonia, Protagonismo Feminino

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por sustentável o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações em satisfazer as suas próprias necessidades, buscando mudanças de comportamento na forma como os seres humanos se relacionam com o ambiente (Bruno *et al.*, 2018).

Os Produtos Florestais Não Madeireiros - PFNMs são provenientes de diversas fontes, principalmente da flora, tais como: frutos, seivas, gomas, óleos, resinas, fibras, folhas e sementes. Esses produtos são responsáveis pela vivência de milhares de famílias a partir do extrativismo florestal na Amazônia atribuindo fonte de renda e alimentícia (Vinhote, 2014). Grande parte desses produtos servem de matéria-prima não somente de indústrias, mas de valorização da cultura de diversas comunidades, o que tem provocado um crescimento da demanda no mercado nacional por PFNMs.

Quando a sociedade percebe que os limites dos modelos de desenvolvimento dependem de recursos renováveis, cresce o interesse pela sustentabilidade, há uma busca por mudança, de segurança energética e de novas possibilidades de produção. Dadas as características e potencialidades de cada região, o manejo de recursos florestais se torna um dos principais caminhos para alcançar um desenvolvimento com bases sustentáveis. A extração exclusivamente da madeira como produto florestal vem mudando, tornando-se cada vez mais observado o aproveitamento dos Produtos Florestais Não Madeireiros – PFNMs. Por meio do extrativismo desses produtos, o produtor amazônico insere-se na cadeia global de valor como fornecedor de matéria-prima. Essa introdução acontece, mesmo diante das dificuldades da realidade vivida no universo amazônico onde as adversidades são grandes, com políticas públicas ineficientes e pouca oferta de atividades que estejam ligadas a geração de renda por meio do manejo sustentável dos recursos naturais (Vidal; Simão; Almeida, 2021).

No Brasil a organização e composição do trabalho agrário, sendo ele familiar ou em grupos, traduz-se nas relações de gênero e como consequência relações de poder. Mas apesar desse cenário, nas últimas décadas tanto no Brasil quanto na América Latina as mulheres do campo, das águas e das florestas vêm se organizando,

questionando e lutando por reconhecimento profissional. por terra, e em busca de visibilidade para seus trabalhos femininos, visto que, provem segurança alimentar e produtividade para suas famílias. Desde a década de 1980, no Brasil, movimentos sociais femininos passaram a se organizar e criaram movimentos sociais de mulheres trabalhadoras rurais autônomas em diversos estados brasileiros, movimentos que abriram espaços para a participação feminina no rural (Mendes; Neves; Neves, 2014).

Nesse contexto, torna-se fundamental analisar a atuação de mulheres extrativistas no manejo de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) em comunidades ribeirinhas amazônicas, considerando suas repercussões nas dimensões social, econômica, ambiental e cultural da sustentabilidade. Mais do que avaliar práticas de manejo e conservação dos recursos florestais, a análise busca compreender como o protagonismo feminino, a organização associativa e a transmissão intergeracional de saberes influenciam a geração de renda, o fortalecimento da autonomia das mulheres e a valorização das identidades territoriais. Tal abordagem contribui para a compreensão do papel das cadeias socioprodutivas de base comunitária no desenvolvimento regional sustentável.

Para atender à proposta do estudo, a pesquisa foi realizada na Comunidade de São José do Rio Maniva, localizada no município de Afuá, estado do Pará, território caracterizado por elevada dependência de recursos florestais e forte presença do extrativismo de base comunitária. A localidade abriga a Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOCMA), responsável pela articulação produtiva, organização social e comercialização dos produtos florestais não madeireiros (PFNMs) coletados na região (Maciel, 2021). A atuação da associação constitui um importante arranjo organizacional local, conectando práticas tradicionais de manejo às dinâmicas de mercado e às políticas de desenvolvimento regional.

A escolha do campo de pesquisa justificou-se pela expressiva participação feminina nas atividades extrativistas, especialmente na coleta e no beneficiamento de PFMNs, que configuram a principal fonte de renda de grande parte das famílias da comunidade. As mulheres atuam na coleta de açaí e de sementes oleaginosas como andiroba (*Carapa guianensis*), patauá (*Oenocarpus bataua*), murumuru (*Astrocaryum murumuru*), ucuúba (*Virola surinamensis*), copaíba (*Copaifera* spp.) e pracaxi (*Pentaclethra macroloba*), compondo uma cadeia produtiva local marcada pela divisão sexual do trabalho, pela transmissão intergeracional de saberes e pelo protagonismo feminino na organização social e no manejo sustentável dos recursos.

Dessa forma, a presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de abordagem quantitativa, voltada à análise das percepções das mulheres extrativistas acerca das dimensões social, econômica, ambiental e cultural da sustentabilidade no contexto da Comunidade de São José do Rio Maniva. O estudo busca contribuir para a compreensão das relações entre associativismo, protagonismo feminino e desenvolvimento regional sustentável em territórios amazônicos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Produtos Florestais não-madeireiros (PFNM)

De acordo com a Portaria Interinstitucional n. 001 de 12/08/04 IMAC/IBAMA, os produtos florestais considerados não madeireiros são todos aqueles produtos ou subprodutos de origem vegetal oriundos das florestas, tais como, frutos, sementes,

folhas, raízes, cipós, cascas, resinas e resíduos, que sejam destinados a uso medicinal, ornamental, aromático, comestível e industrial.

O manejo e o uso de PFSM constituem uma alternativa para a conservação das florestas refletindo positivamente no aspecto social, econômico e ambiental considerando que não há necessidade de derrubar a árvore para a extração desses produtos (Embrapa, 2012). Tem-se o uso sustentável das florestas porque são gerados produtos e serviços para a população, proporcionando geração de renda às pessoas e preserva-se o meio ambiente.

Os PFSMs são de suma importância para as comunidades tanto urbanas quanto rurais, sendo também importantes para a economia já que seus produtos podem ser utilizados na fabricação de remédios, cosméticos, alimentos e outros. Na Amazônia os extrativistas não conseguem um retorno econômico justo na comercialização dos seus produtos, devido as técnicas de extração tradicionais que geram um grande desperdício de matéria prima, além do preço baixo pago por sua mercadoria (Vinhote, 2014). Apesar das dificuldades, extrativistas seguem trabalhando e seu trabalho tem servido de incentivo para outras comunidades e embasando estudos científicos.

Silva *et al.* (2020) relatam que as primeiras pesquisas com o tema de PFSM teve seu início nos anos de 1990 e tem aumentado ao longo dos anos, sendo considerado um tema multidisciplinar. Mas os autores enfatizam que, apesar do aumento de publicações, a quantidade ainda é insipiente considerando a importância do tema, a necessidade de conhecimento, caracterização, propriedades, administração e ameaças, principalmente quando se leva em consideração as altas taxas de devastação das florestas. A discussão nessa temática é essencial para a conservação e uso sustentável das florestas.

2.2 Extrativismo de PFSMs

São encontrados na literatura alguns estudos tratando do extrativismo de PFSMs. Santos (2018) estudou a importância socioeconômica do extrativismo do cambuí na comunidade Ribuleirinha, em Sergipe onde se encontra a Associação de Catadoras de Mangaba do povoado Ribuleirinha (ASCAMARE). A pesquisa foi realizada com mulheres extrativistas que coletam o cambuí, um fruto encontrado na biodiversidade nordestina. Os resultados mostraram que o sistema extrativista da comunidade é simples, constituído por conhecimentos locais e a demanda tem aumentado nos últimos anos, mas economicamente sua comercialização é considerada um complemento para a renda familiar.

Ainda no nordeste brasileiro o estudo de Dias e Pereira (2022) retratou as quebradeiras de coco de babaçu, na comunidade Sítio, localizada no sul do estado do Piauí objetivando entender como o trabalho extrativista afeta a relação familiar. Os resultados evidenciaram que as mulheres iniciam na coleta do babaçu ainda jovens e fazem isso durante toda a vida adulta até a velhice, a quebra de coco de babaçu é a principal fonte de trabalho e renda, o avanço acelerado do agronegócio resulta em disputas por terras que aumentaram durante a pandemia deixando as comunidades do sul do Piauí cada dia mais ameaçadas e submetidas a conflitos.

Vidal, Simão e Almeida (2021) usaram uma abordagem qualitativa e quantitativa como método, objetivando uma compreensão no processo produtivo da Usina de Extração de Óleos vegetais voltado para a indústria de cosméticos e suas implicações na realidade vivida na Comunidade do Roque localizada na Reserva Extrativista do Médio Juruá, município de Carauari, Amazonas. Como principais

resultados foi observado que a usina não possui tratamento para os resíduos gerados, sendo estes descartados de forma inadequada no ambiente. É utilizado uma grande quantidade de óleo diesel para a geração de energia e funcionamento das máquinas no processo produtivo, sendo uma fonte de energia uma fonte de energia poluente que eleva significativamente os custos de produção. Agências governamentais ou a própria empresa compradora dos óleos e manteigas, não geram incentivos a uma produção mais limpa e sustentável. O autor sugere a implementação de tecnologias e modelos de negócios, como a Economia Circular, para otimizar o uso da matéria-prima e melhorar os ganhos econômicos dos cooperados.

No interior do Pará Pompeu *et al.* (2018) analisaram o uso da madeira da poda agroflorestal como forma de incentivo ao manejo das árvores nos sistemas agroflorestais (SAFs) e fonte de matéria prima para artesãos. Seus resultados mostraram que o uso desse tipo de resíduo madeireiro contribui para a sustentabilidade ambiental, econômica e sociocultural na localidade estudada e cria um canal de comunicação entre agricultores e artesãos.

Para identificar de que maneira se dá a correlação entre as atividades e resultados gerados por mulheres extrativistas e como podem influenciar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a pesquisa de Marcondes, Saes e Nissimoff (2022) estudou duas associações de mulheres extrativistas de frutos do Cerrado, em Anastácio (MS). Os grupos de mulheres extrativistas são a Associação de Mulheres do Assentamento Monjolinho (AMAM) e o Grupo Baru, vindos de assentamentos da reforma agrária, localizado em Anastácio no Mato Grosso do Sul. Os resultados evidenciaram uma forte percepção das mulheres sobre os impactos ambientais e de produção sustentável que suas atividades geram exemplificado pela observação da vegetação nativa sendo restaurada nos assentamentos e a possibilidade de gerar renda para elas mesmas e suas famílias. A ação coletiva dessas mulheres extrativistas é capaz de influenciar no atingimento de diversos ODS. O empoderamento dessas mulheres se reflete em suas famílias, comunidades e território.

2.3 Mulheres extrativistas

As mulheres são grandes responsáveis na produção de alimentos contudo vivem em condições de insegurança alimentar, alguns fatores contribuem para essa insegurança, como falta de acesso a políticas públicas de agricultura familiar, falta de documentação e terra para trabalhar, muitas mulheres apesar de produzir, vivem abaixo da linha da pobreza sendo sujeitas a fome. Com isso passaram a reivindicar por seus direitos exigindo do Estado igualdade de gênero, garantias ao acesso a documentos, a partir dessa luta foram implementados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR), como plano que garante os direitos básicos para as mulheres trabalhadoras rurais entre elas: quilombolas, pescadoras artesanais, extrativistas e indígenas.

Apesar dessa grande luta feminina por espaço na agricultura, enfrenta-se ainda grande dificuldade e inviabilidade dessas mulheres no meio agrícola. Alguns grupos constituídos por extrativistas assentadas na região Sudoeste mato-grossense, composto por mulheres migrantes de várias regiões do Brasil, existe o Grupo das Margaridas, inicialmente cultivavam plantas medicinais e logo em seguida como um meio de arrecadar renda passaram a realizar o trabalho de extrativismo utilizando o bioma local para coleta, realizando o beneficiamento e comercialização de frutos do Cerrado,

proporcionando melhor qualidade de vida, renda e tomada de decisão na comunidade agrícola para essas mulheres (Mendes *et al.*, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do estudo

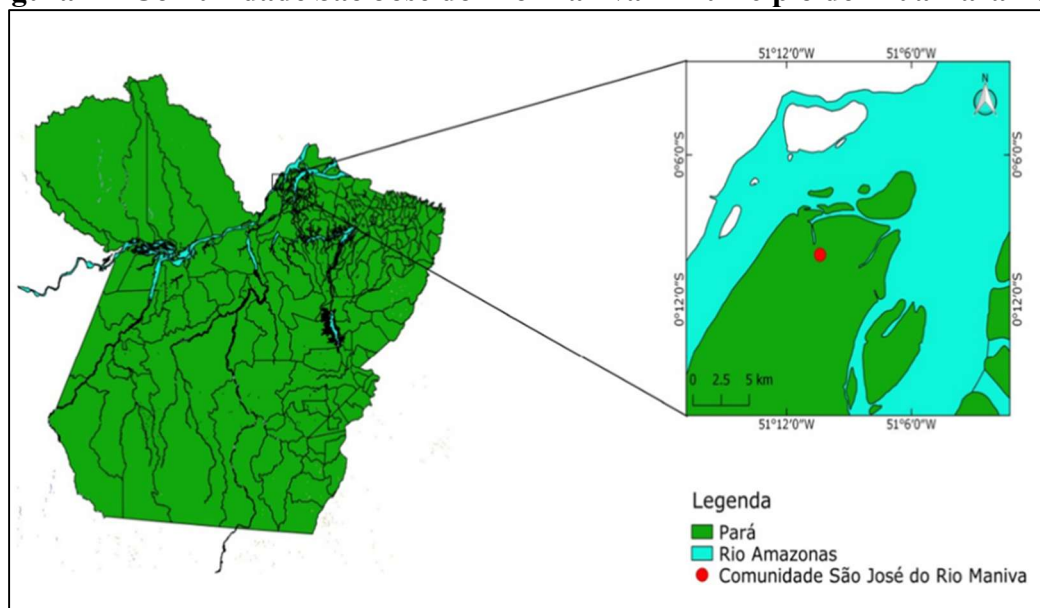
O trabalho aqui apresentado pode ser caracterizado como uma pesquisa exploratória, adotando-se uma abordagem quantitativa. No entender de Theodorson e Theodorson (1970), citado por Piovesan e Temporini (1995), uma pesquisa exploratória consiste em um estudo preliminar com o objetivo principal de se familiarizar com o fenômeno a ser investigado, de modo que o estudo maior, que será posteriormente realizado, possa ser delineado com maior entendimento e precisão. Gil (2007) defende que as pesquisas exploratórias, na maioria das vezes assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Ao longo dos anos o termo “estudo de caso” vem sendo discutido devido a grande quantidade de sinônimos utilizados para sua definição, mas no presente contexto o estudo de caso pode ser entendido como uma quantidade pequena de casos ou casos atípicos com a intenção de revelar uma população maior de casos (Gerring, 2019).

3.2 Local de Estudo

Os dados básicos do trabalho foram coletados junto à comunidade de São José do Rio Maniva. A comunidade fica às margens do Rio Maniva no município de Afuá, parte norte-ocidental do arquipélago do Marajó no estado do Pará (Figura 1). Apesar de ser localizada no Pará, a comunidade de São José é muito próxima da capital do Estado do Amapá, por esse motivo os produtos oriundos da pesca e do extrativismo são comercializados através do município de Santana, que se localiza no estado vizinho, que também fornece o atendimento nas áreas de saúde e educação aos moradores da comunidade (Maciel, 2021).

Figura 1 – Comunidade São José do Rio Maniva – Município de Afuá-Pará-2022



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE (2022).

A organização da comunidade do Rio Maniva é um dos principais fatores dos avanços ambientais que mudou a vida dos ribeirinhos. A comunidade trabalha com o manejo florestal do açaí e realiza o trabalho de coleta extrativista de outros PFNMs além do açaí, que são as sementes encontradas na região, atualmente tem contrato com uma das maiores fábricas de cosméticos do Brasil, a Natura S.A., para qual fornecem sementes variadas como a andiroba, ucuuba, murumuru e pataúá, para a produção de cosméticos. O trabalho começou há cerca de 5 anos, reunindo principalmente mulheres. As mulheres da comunidade são na grande maioria as principais coletadoras e trabalhadoras, tornando a comunidade grande com seus trabalhos. Um fato que torna o trabalho feminino um destaque importante.

Observou-se que muitas famílias possuem um pequeno barco a motor, que usam para se locomover na região, o tempo de viagem da comunidade para a cidade próxima, o município Santana, no Estado do Amapá é de uma hora de barco. Uma das conquistas da comunidade para a falta de energia elétrica foi a substituição do motor a óleo diesel e as lamparinas pelos painéis de energia solar. Com a chegada da energia elétrica, é comum nas casas o uso de aparelhos domésticos modernos, como televisores, microondas e celulares, casas de alvenaria se destacam em meio a natureza, novidades adquiridas com o trabalho vindo do extrativismo e a pesca. A internet, disponibilizada pela associação, conecta a comunidade São José do Rio Maniva com o mundo (Maciel, 2021).

3.3 Dados

Os dados para o estudo foram coletados no período de março a abril de 2022. Foram aplicados questionários do tipo semiestruturado a 13 moradoras da comunidade, das quais, 12 são integrantes da Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOCMA).

Buscou-se caracterizar o trabalho desenvolvido na região relativo ao manejo e comercialização de PFNMs, bem como analisar a sustentabilidade do trabalho extrativista nas dimensões social, econômica, ambiental e cultural.

Para a dimensão social foram avaliados o acesso a serviços públicos, a participação social e o rendimento da coleta de matéria-prima. Para a dimensão econômica a estratégia de mercado e o faturamento. Na dimensão ambiental foi visto o impacto dos resíduos no meio ambiente e as formas de manejo da vegetação nativa. Para a dimensão cultural foi estudada a valorização dos conhecimentos tradicionais no manejo, a valorização dos alimentos da agrofloresta na dieta local e a valorização das atividades culturais na relação com as agroflorestas.

3.4 Análise de dados

No tratamento estatístico dos dados foram utilizadas técnicas de análise exploratória de dados. Uma vez obtidos os dados, tem-se a necessidade de representá-los de forma ordenada e resumida. Dessa maneira, os dados podem ser resumidos por medidas estatísticas e apresentados por meio de tabelas ou gráficos, que devem ser simples, claros e informativos. Essa representação precisa ser autoexplicativa, ou seja, deve ser entendida mesmo quando não se lê o texto em que estão apresentadas.

Os gráficos constituem uma representação mais fácil de ser entendida do que as tabelas e possuem diversas finalidades, tais como: buscar padrões e relações, confirmar (ou não) certas expectativas que se tinha sobre os dados, descobrir novos

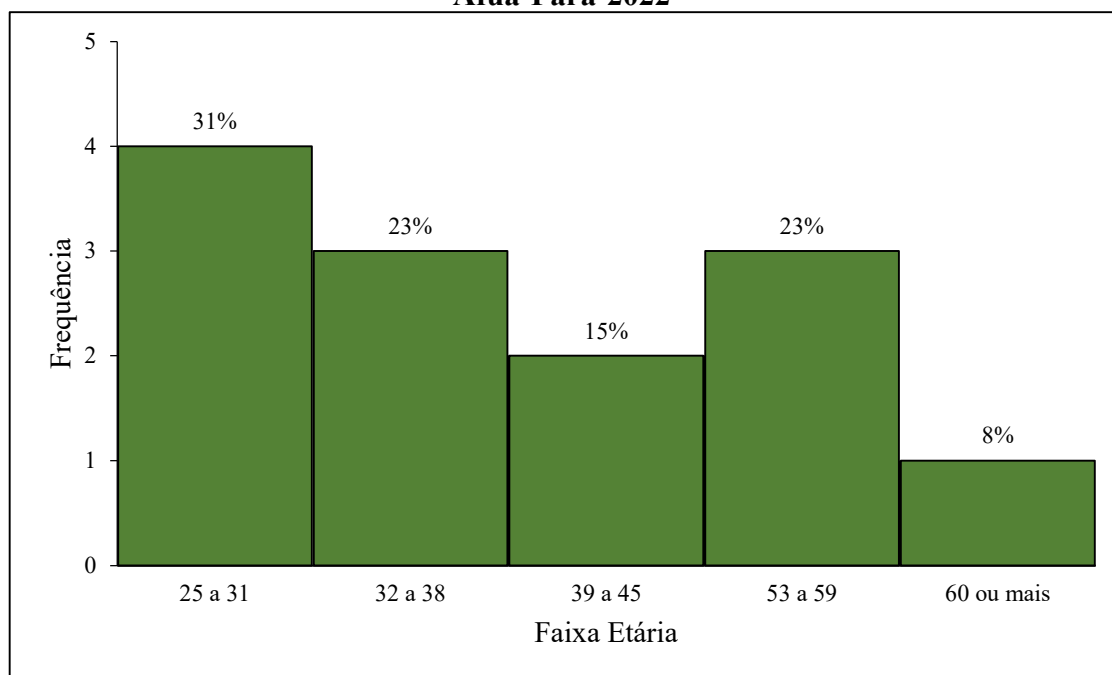
fenômenos, confirmar (ou não) suposições e apresentar resultados de modo mais rápido e fácil (Morettin, Bussab, 2017). Todas as figuras e gráficos apresentados foram construídos pelas autoras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil das mulheres extrativistas

Em relação ao local de nascimento, grande parte das moradoras nasceram na própria comunidade (46%) e permaneceram no local, sendo as outras nascidas em regiões próximas como a capital do estado vizinho, Macapá e no município de Afuá. Todas residem há mais de 18 anos no local, e pouco mais da metade se declara solteira. A faixa etária variou de 25 a 60 anos, com maior concentração entre 25 e 31 anos, seguida pelo grupo entre 53 e 59 anos, faixa que reúne as pioneiras no processo de organização da coleta de sementes. Foi relatado que, frequentemente, os filhos acompanham as mães nas atividades extrativistas. (Figura 2).

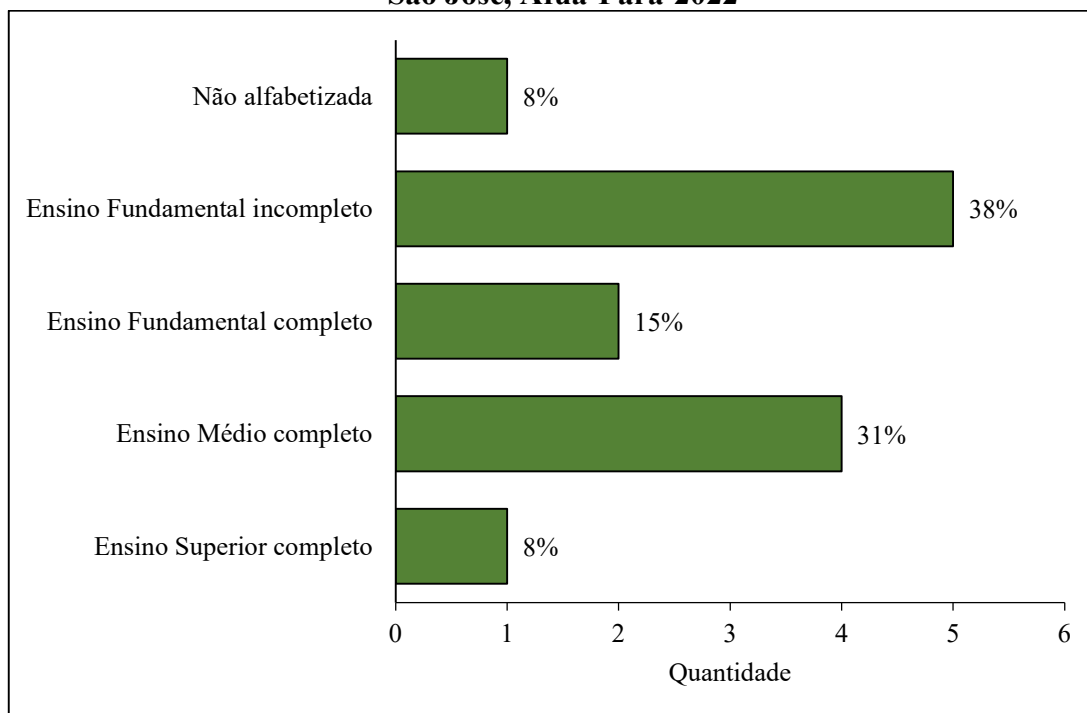
Figura 2 – Faixa etária das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à escolaridade das mulheres da comunidade, 61% apresentam baixo nível de instrução (até o ensino fundamental incompleto ou não alfabetizadas), condição associada à necessidade de ingresso precoce no trabalho e à escassez de oportunidades educacionais. Esse perfil é compatível com estudos sobre mulheres rurais e extrativistas (Mendes; Neves; Neves, 2014), que apontam a interrupção escolar como fator recorrente em contextos de vulnerabilidade social. Ainda assim, a participação em associações e no manejo de PFNMs tem favorecido processos de empoderamento, sobretudo pelo fortalecimento do poder de decisão no âmbito familiar e comunitário, em consonância com resultados encontrados por Marcondes, Saes e Nissimoff (2022) em associações femininas do Cerrado.

Figura 3. Nível de escolaridade das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



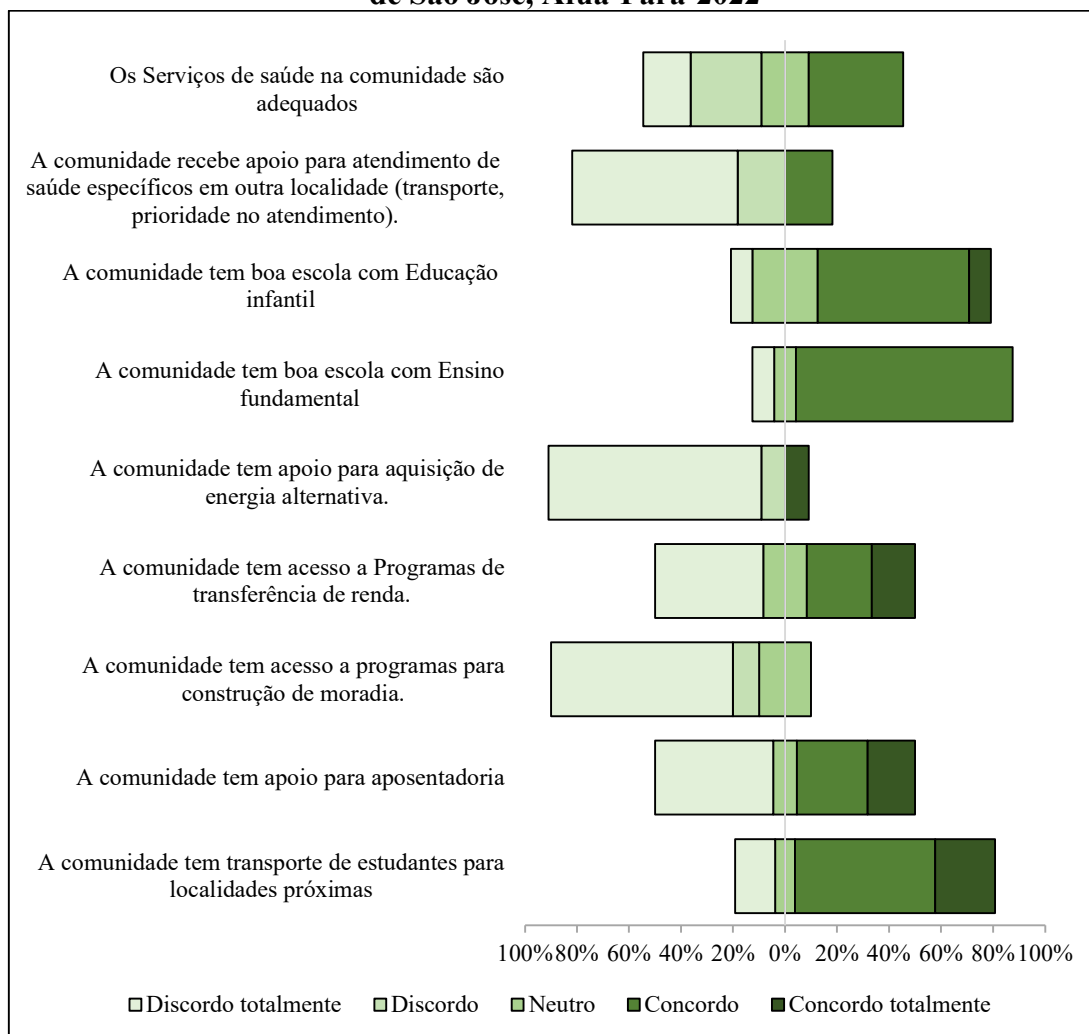
Fonte: Elaboração própria.

O perfil sociodemográfico e organizacional das entrevistadas evidencia um grupo marcado por vulnerabilidades estruturais, mas também por processos crescentes de autonomia, articulação comunitária e protagonismo feminino, aspectos que se refletem diretamente nas diferentes dimensões da sustentabilidade analisadas a seguir.

4.2 Sustentabilidade

Em relação a sustentabilidade, as mulheres extrativistas concordam em algum nível, sobre a existência de sustentabilidade no uso das sementes coletadas na comunidade. Quando examinadas as categorias singularmente, observa-se que, em relação à dimensão social, as mulheres demonstraram elevada satisfação com a qualidade do ensino fundamental disponível na comunidade, especialmente em relação ao transporte escolar. Houve concordância apenas parcial quanto à adequação dos serviços de saúde e insatisfação expressiva em relação ao apoio para implementação de fontes alternativas de energia. Embora o extrativismo gere ocupação e renda, as entrevistadas destacam dificuldades relacionadas à organização produtiva, qualificação técnica e atrasos na liberação e comercialização das sementes. A maioria considera que a renda obtida não é suficiente para cobrir integralmente as despesas familiares, configurando-se como complemento ao orçamento doméstico. Ainda assim, foi reconhecido que houve melhora nas condições de vida nos últimos cinco anos (Figura 4).

Figura 4. Dimensão social, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022

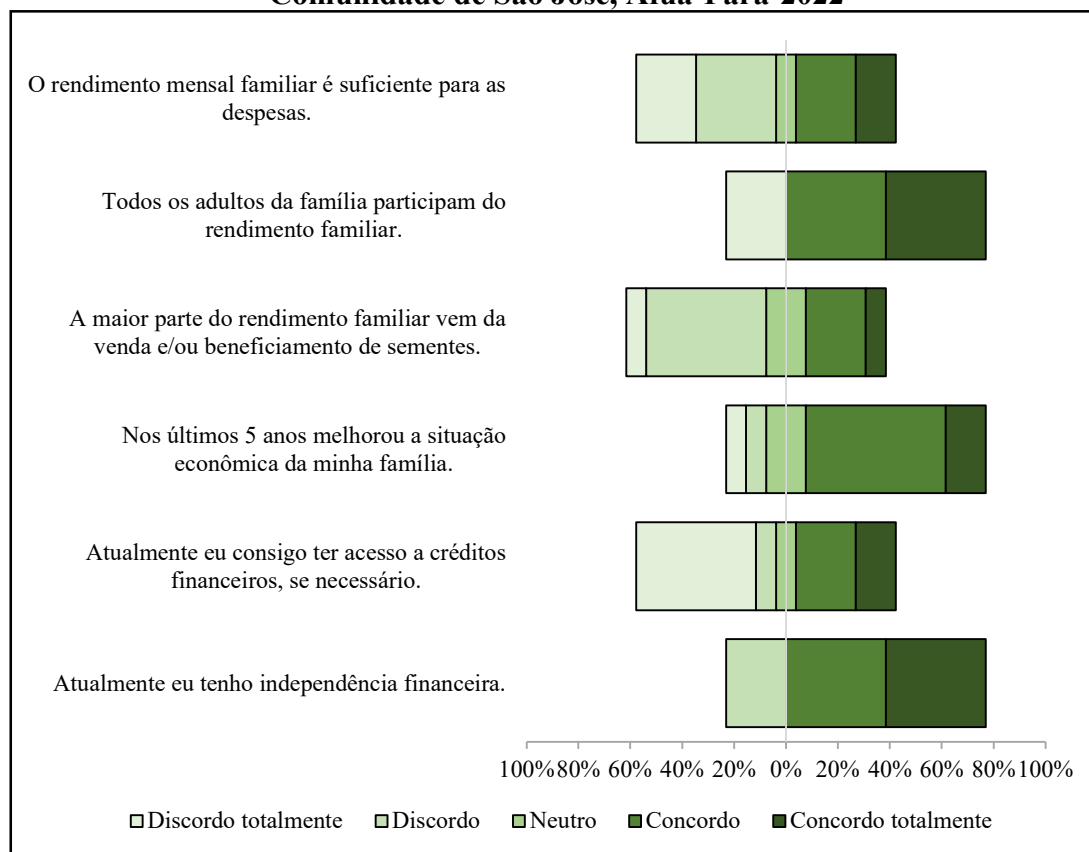


Fonte: Elaboração própria.

Esses achados corroboram a literatura ao indicar que a percepção positiva quanto à organização comunitária e à valorização do trabalho feminino dialoga com o entendimento de que a ação coletiva constitui um elemento central para a permanência de práticas sustentáveis e para o fortalecimento do protagonismo feminino nos territórios. No entanto, a percepção das entrevistadas quanto às limitações de acesso ao crédito, assistência técnica e qualificação profissional confirma as análises de Vidal, Simão e Almeida (2021), que destacam a insuficiência do apoio institucional às cadeias extrativistas. Tais lacunas comprometem a ampliação da produção, a agregação de valor e a geração de renda, mantendo as comunidades em uma condição de dependência de atravessadores e mercados informais.

Relativamente à dimensão econômica, observou-se elevada satisfação quanto à maior autonomia financeira adquirida pelas mulheres por meio do extrativismo. Entretanto, a inexistência ou dificuldade de acesso ao crédito permanece como um entrave relevante. Tais limitações refletem problemas estruturais já registrados por Vidal, Simão e Almeida (2021), como fragilidade das cadeias produtivas extrativistas, dependência de grandes compradores e insuficiência de políticas públicas consistentes de apoio técnico e financeiro.

Figura 5. Sustentabilidade econômica, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



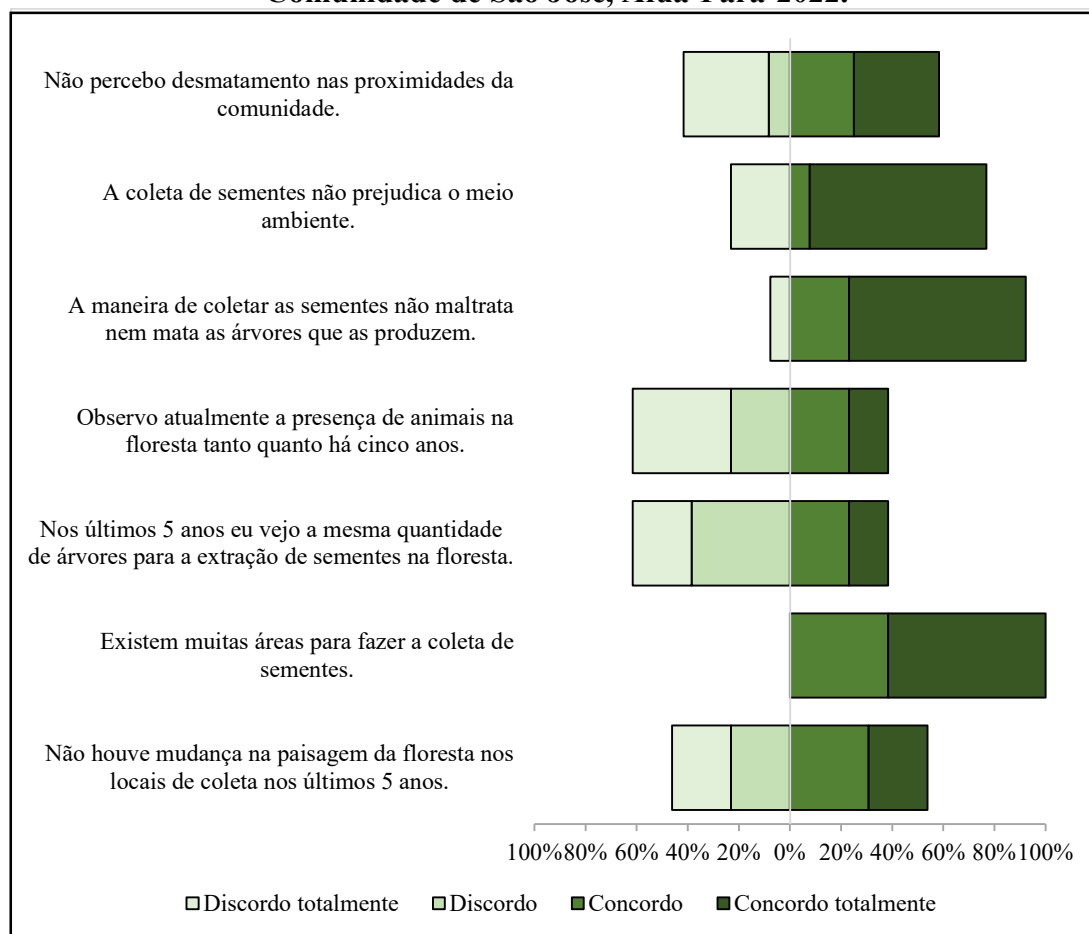
Fonte: Elaboração própria.

Em relação a sustentabilidade ambiental relatada pelas extrativistas (Figura 6), a coleta de sementes em sua totalidade não prejudica o meio ambiente, já que a maneira de coletar não danifica as árvores. O desmatamento de áreas florestais pode ser um risco para comunidades que vivem do extrativismo de PFNMs, visto que, as árvores que produzem as sementes, são nativas, ou seja, não foram plantadas pelas mulheres, porém é possível afirmar que não é percebido desmatamento nas proximidades da comunidade do Rio Maniva.

Na visão das extrativistas a atividade de coleta de sementes é considerada ecologicamente sustentável, já que em suas características nota-se equilíbrio entre a quantidade coletada e a diversidade dos recursos ambientais disponíveis na floresta do qual tem acesso, assim como priorização na utilização de recursos renováveis. Neste cenário, o beneficiamento das sementes na produção de óleos para uso pessoal, juntamente com a coleta feita pelas mulheres da associação não agride o meio ambiente e, por esse motivo é considerada sustentável.

Tais evidências convergem com os estudos de Vinhote (2014) e Silva *et al.* (2020), segundo os quais o manejo de PFNMs, quando realizado de forma tradicional e em pequena escala, apresenta baixo impacto ecológico e contribui para a conservação da floresta em pé. As entrevistadas reconhecem que a coleta de sementes não provoca danos às árvores e que ainda existem áreas suficientes para a atividade, confirmando o potencial do extrativismo como alternativa econômica compatível com a preservação ambiental. Contudo, a leve percepção de redução de fauna em alguns relatos sugere a necessidade de monitoramento contínuo, considerando os efeitos indiretos de pressões externas, como avanço do desmatamento em regiões próximas.

Figura 6. Sustentabilidade ambiental, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022.

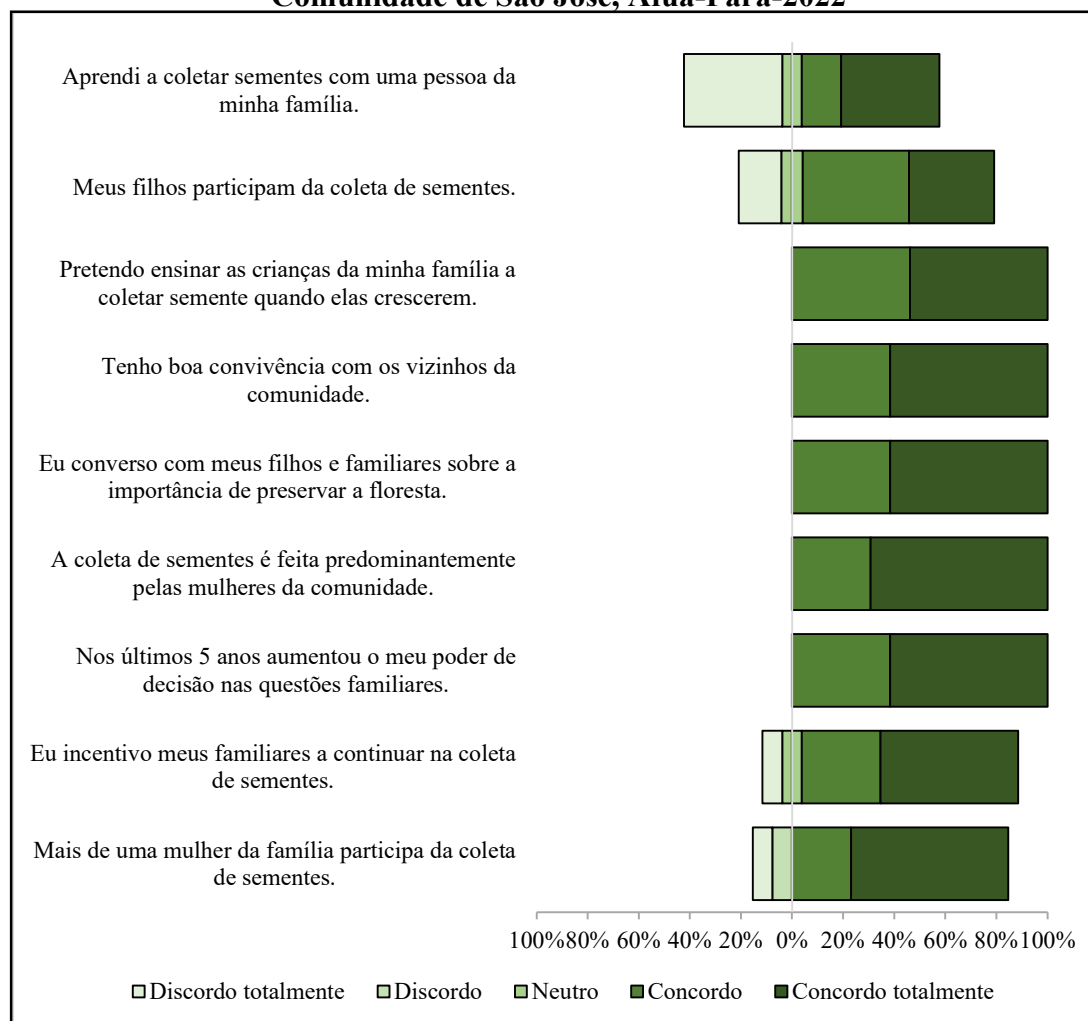


Fonte: Elaboração própria.

Sobre a sustentabilidade cultural todas as extrativistas afirmaram desejar ensinar as crianças de suas famílias a coletar sementes quando crescerem. Todas afirmaram ter um bom relacionamento social com seus vizinhos de comunidade, afirmam também que conversam com seus filhos sobre a importância de preservar e cultivar a floresta em que vivem, sendo a coleta total e predominantemente feita por mulheres. Com o aumento da renda dessas mulheres o poder de decisão nas questões familiares aumentou nos últimos cinco anos, segundo elas. Com isso, o incentivo de familiares a continuar a coleta de sementes aumentou. Sendo que mais de uma mulher de cada família participa da coleta de sementes. (Figura 7).

Destaca-se a forte presença da transmissão intergeracional de saberes, conforme relatado pelas entrevistadas, que aprenderam a coletar sementes com familiares e atualmente levam seus filhos para participar da atividade. Esse dado reforça a interpretação de Mendes *et al.* (2014) acerca do papel das mulheres como guardiãs dos conhecimentos tradicionais, responsáveis não apenas pela produção econômica, mas pela reprodução cultural e educativa vinculada ao uso sustentável da floresta. O desejo unânime de ensinar a prática às crianças demonstra que o extrativismo ultrapassa a dimensão meramente econômica, consolidando-se como elemento de identidade social e pertencimento territorial.

Figura 7. Sustentabilidade cultural, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



Fonte: Elaboração própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta ao problema de pesquisa proposto, este estudo evidenciou que o protagonismo das mulheres extrativistas, articulado à organização associativa local, exerce influência positiva nas dimensões social, econômica, ambiental e cultural da sustentabilidade na cadeia socioprodutiva de produtos florestais não madeireiros da Comunidade de São José do Rio Maniva. Os resultados demonstram que a participação feminina no manejo dos PFNMs não apenas contribui para a geração de renda complementar às famílias, mas também fortalece processos de autonomia social, ampliação do poder decisório no âmbito doméstico e valorização dos saberes tradicionais vinculados ao uso sustentável da floresta.

Do ponto de vista ambiental, as práticas de coleta se mostraram compatíveis com a conservação dos recursos florestais, uma vez que não implicam danos às árvores nem comprometimento da biodiversidade local, reforçando o potencial do extrativismo como alternativa econômica sustentável em territórios amazônicos. Na dimensão cultural, destaca-se a transmissão intergeracional de conhecimentos, observada no envolvimento dos filhos nas atividades de coleta e na valorização da

prática extrativista como expressão de identidade territorial e pertencimento comunitário.

Contudo, apesar dos avanços observados, persistem desafios estruturais que limitam a ampliação dos benefícios econômicos da atividade, como o acesso restrito ao crédito, a baixa oferta de capacitação técnica, a dependência de intermediários para comercialização e a ausência de políticas públicas contínuas de apoio às cadeias produtivas comunitárias. Tais aspectos fragilizam a autonomia econômica das extrativistas e restringem o potencial de expansão dos impactos positivos da atividade sobre o desenvolvimento territorial.

À luz desses resultados, conclui-se que o fortalecimento de arranjos produtivos de base comunitária, especialmente aqueles protagonizados por mulheres, constitui estratégia relevante para a promoção do desenvolvimento regional sustentável na Amazônia. Políticas públicas voltadas ao incentivo ao cooperativismo, à assistência técnica, à qualificação produtiva e à facilitação do acesso a crédito podem ampliar a agregação de valor aos PFNMs e potencializar o papel das mulheres como agentes centrais da transformação socioeconômica e ambiental de seus territórios.

Por fim, recomenda-se a ampliação de estudos futuros que aprofundem a análise sobre cadeias socioprodutivas femininas em diferentes contextos amazônicos, incorporando métodos longitudinais e comparativos, de modo a avaliar a evolução dos impactos socioeconômicos do extrativismo comunitário e subsidiar a formulação de políticas de desenvolvimento mais sensíveis às questões de gênero e territorialidade.

Agradecimento: As autoras agradecem profundamente às mulheres extrativistas da comunidade São José do Rio Maniva, que gentilmente compartilharam suas experiências, saberes e histórias de vida, fundamentais para a realização deste estudo. Estendemos nossos agradecimentos aos representantes da Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutininga (Andincocma), Geovani Chaves Facundes e Kátia dos Santos Pantoja, e à jornalista Mariléia Maciel pelo apoio, disponibilidade e contribuição ao processo de pesquisa e diálogo com a comunidade.

REFERÊNCIAS

BRUNO, N. L.; PROFICE, C. C.; AGUIAR, P. C. B.; FERRAZ, M. I. F. Apego ao lugar e sustentabilidade ambiental em uma comunidade rural do sul do estado da Bahia. **Revista gestão e sustentabilidade ambiental**. Bahia, v. 7, n. 1, p. 207, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/rgsa.v7e12018206-234>. Acesso em: 2 dez. 2025.

BUSSAB W.O.; MORETTIN P.A. **Estatística Básica**, Saraiva, São Paulo, 9ed, 2017.

DIAS, M. A. M.; PEREIRA, K. A. Mulheres, floresta e extrativismo: modos de ser, existir, educar e resistir de quebradeiras de coco babaçu da comunidade “Sítio” (Cristino Castro, Piauí/Brasil). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG**. v. 39, n. 1, p. 372-394, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v39i1.13093>. Acesso em: 2 dez. 2025.

EMBRAPA. **Produtos Florestais Não Madeireiros: uso sustentável de açaí, andiroba, castanha e cipó-titica.** Macapá-AP: Embrapa. 2012. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1005349/produtos-florestais-nao-madeireiros-uso-sustentavel-de-acai-andiroba-castanha-e-cipo-titica>. Acesso em julho de 2021.

GERRING, JOHN. **Pesquisa de estudo de caso: princípios e práticas** – Vozes, Petrópolis RJ – Brasil, 1ed, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

MACIEL, M. **Moradores da comunidade do rio Maniva mostram na prática as lições de sustentabilidade, organização e respeito ao meio ambiente.** Disponível em: <https://www.mpap.mp.br/noticias/gerais/moradores-da-comunidade-do-rio-maniva-mostram-na-pratica-as-licoes-de-sustentabilidade-organizacao-e-respeito-ao-meio-ambiente>. Acesso em junho de 2021.

MARCONDES, C. A.; SAES, M. S. M.; NISSIMOFF, P. S. B. S. Ação coletiva de mulheres extrativistas e os ODS. **Encontro Internacional Sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA XXII.** V.1, ISSN: 2359-1048, novembro de 2022. Disponível em: <https://engemausp.submissao.com.br/22/arquivos/454.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MENDES, M. F.; NEVES, S. M. A. S.; NEVES, R. J. A experiência das mulheres extrativistas do assentamento Margarida Alves em Mirassol D’oeste/MT. **Revista Geografia em questão.** v. 7, n. 1, p. 34-39 2014. Disponível em: <http://observatoriodgeografia.uepg.br/files/original/65c653a49f9d75ef3f7e3b52183c98d412cb013f.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MENDES, M. F.; NEVES, S. M. A. S.; NEVES, R. J.; SILVA, T. P. A organização das mulheres extrativistas na região Sudoeste mato-grossense. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, Brasil, n. 1, p. 76-77-78 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100005>. Acesso em: 2 dez. 2025.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública,** v. 29, n. 4. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010>. Acesso em: 2 dez. 2025.

POMPEU, G. S. S; KATO, O. R.; OLIVEIRA, J.V.; MACIEL, M. C.; Manejo dos sistemas agroflorestais em Tomé-Açu, Pará: Utilização dos resíduos de Poda. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável.** Pombal-PB, Brasil v. 13, n.2, p.217-228, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18378/rvads.v13i2.5604>. Acesso em: 2 dez. 2025.

SANTOS, L. R. **Importância socioeconômica do extrativismo do Cambuí (myrciaria sp.) na comunidade Ribuleirinha, Estância - Sergipe.** Trabalho de conclusão de curso (Departamento de Ciências Florestais) - Universidade Federal de Sergipe - Sergipe, p. 58, 2018. Disponível em:

<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8830>. Acesso em: 2 dez. 2025.

SILVA, T. C.; ARAÚJO, E. C. G.; LINS, T. R. S.; REIS, C. A.; SANQUETA, C. R.; ROCHA, M. P. Non-Timber Forest Products in Brazil: A Bibliometric and a State of the Art Review. **Sustainability**, vol. 12, n. 17. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su12177151>. Acesso em: 2 dez. 2025.

VIDAL, T. C. S.; SIMÃO, M. O. A. R.; ALMEIDA, V. F. A sustentabilidade da produção de óleos e manteigas vegetais em comunidade amazônica- RESEX Médio Juruá. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e32710313478, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13478>. Acesso em: 2 dez. 2025.

VINHOTE, M. L. A. **Usos e manejo de recursos florestais não madeireiros em unidades de conservação estaduais na área de influência da BR 319**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia) – Programa de pós-graduação em gestão de áreas protegidas na Amazônia. Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. Manaus, p. 81, 2014.